

## ESPAÇOS DE PLANTIO E DE CONSERVAÇÃO EX SITU DA FLORA ATLÂNTICA EM RESIDÊNCIAS NO RECIFE-PE: HABITABILIDADE E SUBJETIVIDADES.

DOI: <http://dx.doi.org/10.55449/congea.13.22.VI-004>

Suzane Moreira de Lima, Elba Maria Nogueira Ferraz Ramos, José Luís Said Cometti, Vanessa Ferreira da Silva. IFPE, [sml@discente.ifpe.edu.br](mailto:sml@discente.ifpe.edu.br)

### RESUMO

A Mata Atlântica originalmente estende-se ao longo da costa litorânea brasileira coincidindo com a maior parte dos grandes aglomerados urbanos, entre eles a cidade de Recife, que possui o quarto aglomerado urbano mais populoso do Brasil. Porém, as cidades podem contribuir para o desenvolvimento sustentável quando promovem a universalização de um ambiente urbano de boa qualidade e com proteção ao patrimônio natural e cultural. No que concerne aos habitantes do meio urbano, visto que grande parte do cotidiano desses sujeitos ocorre no espaço residencial, torna-se primordial o olhar atento para este contexto e como ele pode contribuir para a qualidade do ambiente urbano. Por conseguinte, este trabalho lança o olhar sobre os espaços particulares de plantio. Propõe-se, assim, trabalhar com três dimensões que se relacionam entre si: plantas – biodiversidade, conservação e locais de cultivo; subjetividades – apropriação, significação do espaço e transmissão do conhecimento – e habitabilidade – bem-estar e conforto atrelados à moradia. Tendo como plano de fundo espaço urbano de Recife. Assim, foi feita a coleta dos dados a partir de questionários semiestruturados e levantamento florístico das espécies cultivadas. Assim, a pesquisa contou com a participação de 17 moradores, para a maioria destes, a ideia de conforto está atrelada a presença de área verde (23%), entre as quais estão a varanda (45%), o quintal (30%), jardim de inverno/interno (10%), terraço (10%) e outros (5%) e todos foram relacionadas como espaços de plantio. Já ato de plantar foi relacionado principalmente com as palavras relaxamento (21%) e memórias/lembranças (18%) e a maioria respondeu que aprendeu a lidar com as plantas com parentes (43%). O levantamento florístico chegou a um resultado total de 111 espécies sendo 13 naturalizadas, 73 cultivadas e 25 nativas, destas últimas, 7 são exclusivas do domínio Mata atlântica e duas estão classificadas como em perigo de extinção. Assim, foi possível verificar que apesar das mudanças no meio urbano, o “plantar” sobrevive nas moradias de Recife e possui potencial lugares de conservação, tanto da flora da Mata Atlântica, como também de conhecimentos, bem-estar e conforto no meio urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mata Atlântica, conservação, plantio, urbano, quintal.

### INTRODUÇÃO

Atualmente, a casa da maioria dos brasileiros está inserida no bioma Mata Atlântica - cerca de 72% da população - o que fez com que tal bioma, tido como o segundo maior da América do Sul e um dos mais ricos em diversidade de espécies, com 17.150 plantas catalogadas pelo BFG (2021), se tornasse um dos mais ameaçados do planeta com apenas 7% de sua cobertura original (INPE, 2019). A Mata Atlântica estende-se ao longo da costa litorânea brasileira abrangendo 17 estados, dos quais 14 são costeiros, coincidindo, assim, com a maior parte dos grandes aglomerados urbanos, o que implicou sua intensa supressão. Além disso, o crescimento, muitas vezes desordenado, destacando-se as peculiaridades e dinâmicas das grandes cidades brasileiras, têm resultado em transformações que comprometem a sustentabilidade urbana (SCUSSEL e SATTTLER, 2010).

Porém, segundo Scussel e Sattler (2010), as cidades podem contribuir para o desenvolvimento sustentável quando promovem a universalização de um ambiente urbano de boa qualidade para todos os habitantes, o que perpassa, entre outros aspectos, pela presença de áreas verdes (públicas ou privadas), espaços abertos e pela proteção do patrimônio natural e cultural. No que concerne aos habitantes do meio urbano, visto que grande parte do cotidiano desses sujeitos ocorre no espaço residencial, torna-se primordial o olhar atento para este contexto e como ele pode contribuir para a qualidade do ambiente urbano.

O espaço urbano está intrinsecamente ligado à qualidade de vida, e redesenhá-lo de forma sustentável exige uma mudança de paradigma sobre o papel do homem na natureza. Por conseguinte, este trabalho lança o olhar sobre os espaços particulares de plantio, os quais, segundo Ranieri (2018), “são dedicados ao cultivo de plantas com finalidades ornamentais, alimentícias ou medicinais, sendo redutos de biodiversidade e representando diversos aspectos culturais da vida local, como economia, vida familiar, manifestações culturais e religiosas.” Configura-se, assim, como lugar de múltiplos usos e significados, ocupando uma posição potencializadora da cultura ecológica visto que ali cultivam-se além plantas, também memórias e sociabilidades, impulsionando, conseqüentemente, a desejada mudança de paradigma.

Deste modo, os espaços particulares de plantio em meio urbano demonstram-se complexos e “objetos complexos são melhor compreendidos quando somam-se ferramentas e teorias de diversas disciplinas” visando a interdisciplinaridade

(RANIERI, 2018). Assim, a etnobotânica, associada a conceitos de habitabilidade subjetividade, se encaixam como noções norteadoras deste trabalho. Visto que o objeto de estudo da etnobotânica é a relação entre pessoas e plantas, ela aposta na complexidade a fim de superar a dicotomia “natureza vs. cultura”, proporcionando assim, uma interface entre as ciências naturais e humanas, entre os saberes acadêmicos e os locais (RANIERI, 2018).

“Estudos etnobotânicos permitem obter informações que fortalecem o conhecimento de espécies vegetais por populações humanas. Podem atuar como instrumentos de salvaguarda face tanto à degradação ambiental, quanto à inclusão de novos elementos culturais, associados ainda à desagregação de modos de vida, o saber fazer, conhecimentos populares e mesmo a perda de patrimônio genético.” (RANIERI, pag. 17, 2018)

As noções de habitabilidade – “adequação do homem ao seu entorno, associada às questões de conforto ambiental, espacial e psicossocial” (OLIVEIRA, 2013) - e de subjetividade - “sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, uma contínua troca entre o meio e o sujeito” (REY, 2003) - são consideradas essenciais para a compreensão das condições necessárias à melhoria da qualidade de vida no meio urbano. Assim, nota-se o sujeito morador como indicador que permeia todos estes aspectos.

Por conseguinte, os espaços residenciais de plantio em meio urbano, suas adaptações e funções, é o ponto central desta pesquisa. A fim de abraçar a realidade atual, este estudo abrange espaços residenciais de plantio como varandas, terraços e jardins internos e outros, visto que tais locais também vêm sofrendo transformações por consequência dos movimentos urbanos como, adensamento, verticalização e informalidade. Propõe-se, assim, trabalhar com três dimensões que se relacionam entre si: plantas – biodiversidade, conservação e locais de cultivo; subjetividades – apropriação, significação do espaço e transmissão do conhecimento – e habitabilidade – bem-estar e conforto atrelados à moradia. Como plano de fundo temos o espaço urbano de Recife, cidade que possui o quarto aglomerado urbano mais populoso do Brasil e encontra-se totalmente inserida no bioma Mata Atlântica, com 12% dele preservado, segundo dados da Fundação SOS Mata Atlântica e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Desta forma, busca-se a melhor maneira de entender estes espaços de plantios urbanos, sua importância e potencialidades. Permitindo, assim, ampliar ou desvendar a visão do sujeito urbano e do poder público, gerar dados e encorajar mudanças com relação ao seu modo de habitar, associadas às questões ambientais, espacial e psicossocial. Esses espaços ainda podem ser referência histórica de uma prática conservacionista ex situ da flora atlântica local, tendo como recorte a cidade do Recife, e de minimização de ações antrópicas nos sistemas naturais, a partir da disponibilidade dos recursos que as plantas podem oferecer às pessoas.

## OBJETIVOS

Caracterizar os espaços residenciais de plantios em suas dimensões objetiva e subjetiva, a partir da inter-relação entre plantas, subjetividades e habitabilidade, na urbe do Recife. De forma concisa, a proposta do estudo buscou relacionar a diversidade de espécies de plantas em locais de plantio residenciais com a significação desses espaços e habitabilidade.

Assim, os objetivos deste estudo transitam entre questões exploratórias - buscam maior familiaridade com o tema a fim de torná-lo explícito ou construir hipóteses - e descritivas, ao se propor a descrever as características de determinada população ou fenômeno além de estabelecer possíveis relações entre as variáveis.

## METODOLOGIA

De acordo com Gil (2022), trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, visto que envolve verdades e interesses locais, com abordagem quali-quantitativa, pois visa a interpretação de fenômenos e atribuição de significados a partir da análise e classificação de dados. Assim, primeiramente foi feita a coleta dos dados a partir de questionários semiestruturados. Os quais, a fim de alcançar o olhar múltiplo proposto por esta pesquisa, foram divididos em quatro partes: I - apresentação e aspectos sociais; II - habitação; III - vegetação e IV – bem-estar e memória. A aplicação foi feita de forma mista, meio virtual e presencial, devido às restrições da pandemia de covid-19. Pelo meio virtual, foram criados questionários por meio do Google forms, enquanto presencialmente foram aplicados questionários semelhantes.

Concomitantemente, a coleta de dados seguiu com o levantamento florístico das espécies cultivadas, ferramenta que compreende coletas assistemáticas de informações em uma determinada área de estudo (MOTA et al., 2014). Para tal, foi aplicado o método qualitativo “checklist” que, ainda segundo Motal et al. (2014), “[...] são a fonte primária para compreensão da biogeografia de um bioma bem como para estudos de meta-análise de extremo valor para a Botânica e para a Ecologia”. Foi usado tanto presencialmente como de forma remota um modelo de “checklist” com os seguintes dados: nome científico (opcional), nome popular e usos. O preenchimento do “checklist” foi feito, presencialmente e

incentivado aos participantes remotos, o método do “caminhamento”, com as devidas adaptações necessárias à proposta. Com isso, além da finalidade prática do levantamento, os participantes foram estimulados a experimentar de forma diferenciada e detalhada o próprio local de plantio.

Para a identificação primária das espécies, de forma presencial e remota, foi usado o aplicativo de celular Pl@ntNet, que é ligado a um banco de dados mundial e identifica as espécies através de fotografias. Segundo Li et al. (2022), atualmente, imagens são os tipos de dados mais usados mundialmente para análise fenotípica vegetal em duas dimensões. Tal segmento apresenta alta produtividade e alta precisão de traços fenotípicos devido à metodologia de segmentação automática dos órgãos das plantas a partir de nuvens de pontos (LI et al. 2022), metodologia esta, usada pelo aplicativo Pl@ntNet. O uso destes aplicativos está relacionado tanto à identificação das espécies de plantas, como à ampliação dos conhecimentos acerca de manejo e cultivo, além de aplicações pedagógicas (FARIA et al. 2020).

Por fim, foi elaborada uma listagem com todas as espécies registradas (checklist), com a adição de dados referentes às respectivas origens, contendo assim: nome científico, nome popular, origem, domínio fitogeográfico e uso. Para o tratamento dos dados foi usado o software Excel e as informações botânicas foram coletadas, principalmente, nos sites Reflora – flora e funga do Brasil, 2022 – do governo federal e no site gbif.org – Global Biodiversity Information Facility.

A verificação e classificação das espécies foi feita através do site Reflora – flora e funga do Brasil 2022 – onde há a classificação das espécies em nativas, naturalizadas e cultivadas, além do domínio fitogeográfico de cada uma. Em relação ao uso atribuído, foi levada em conta a opinião dos entrevistados, a fim de gerar dados sobre hábitos locais. Vale ressaltar que espécies de plantas espontâneas não foram levadas em conta nesta pesquisa.

## RESULTADOS

A partir da aplicação da parte I do questionário - apresentação e aspectos sociais – foi possível compilar os dados individuais dos participantes. Assim, a pesquisa contou com a participação de 17 moradores da região metropolitana de Recife, distribuídos em 9 bairros, Cordeiro, Soledade, Afogados, Várzea, Arruda, Iputinga, Torrões, Boa Viagem e Areias. A tipologia das residências dividiu-se em casas (8) e apartamentos (9). A maioria dos entrevistados (35%) responderam ter tempo de moradia no local igual ou superior a 20 anos. Vale citar que quatro dos participantes possuem parentesco. Foram 10 participantes do sexo feminino e 7 do sexo masculino, com idades entre 24 e 75 anos, com estado civil variando entre casado (53%), solteiro (41%) e outros (6%). O nível de escolaridade foi de 71% superior, 23% médio e 6% fundamental. Quanto à classe social, levou-se em conta o estrato socioeconômico por renda, de acordo com o Critério Brasil, aplicado pela ABEP, metodologia baseada na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE (ABEP, 2021). Assim, os resultados foram: 8% classe D/E, 23% classe C e 77% classe B.

A parte II do questionário – habitação – permitiu observar um breve panorama das residências, relacionando tipologia, conforto, áreas ao ar livre e espaços de plantio. Quando questionados sobre o conforto da residência, a partir de uma ideia pessoal de conforto, 14 pessoas consideraram suas residências confortáveis e 3 não consideraram. A ideia de conforto dos que responderam positivamente está atrelada a presença de área verde (23%), espaço suficiente (22%), bom estado de conservação do imóvel (18%), temperatura agradável (18%) e silêncio (13%). Esses resultados podem ser atrelados à noção de habitabilidade – “adequação do homem ao seu entorno, associada às questões de conforto ambiental, espacial e psicossocial” (OLIVEIRA, 2013) – e observa-se o protagonismo da presença de área verde nessa questão. Quanto à presença de áreas ao ar livre em suas residências 85% responderam que sim, possuem, e 15% responderam que não possuem. Em seguida, foram indicadas - de forma autônoma pelos entrevistados - e quantificadas como áreas ao ar livre a varanda (45%), o quintal (30%), jardim de inverno/interno (10%), terraço (10%) e outros (5%), todas elas relacionadas como espaço de plantio (Figura 1). Percebe-se então, que o plantar, tradicionalmente relacionado aos quintais das casas - “[...] terreno localizado ao redor ou aos fundos da casa, [...] onde realizam-se cultivos de diversas espécies a fim de suprir parte das necessidades alimentares ou medicinais da família” (RANIERI, 2018), vem seguindo as transformações urbanísticas e o modo de vida contemporâneos, visto que sua função não foi extinta, mas adaptou-se à tais mudanças.



Figura 1. Espaços de plantio residenciais.

Intercalando com a parte III e IV do questionário, vegetação, bem-estar e memória, questionados quanto aos outros usos dados a esses espaços, a maioria dos entrevistados respondeu que são áreas de encontros e conversas (27%), seguido por descanso (25%), lazer (19%), estudo (13%), outros (10%) e apenas 6% responderam que usam apenas para plantio. Todos os entrevistados responderam que a proximidade com as plantas lhes causa bem-estar e o ato de plantar foi relacionado com palavras como relaxamento (21%), prazer (18%), memórias/lembranças (18%), saúde (13%), afeto (8%) e socialização (6%). Quando perguntados com quem aprenderam a plantar e lidar com plantas, a maioria respondeu com parentes (43%) seguido por conversas com outras pessoas (22%), internet (19%), outros (11%) e cursos (5%). Nas entrevistas feitas presencialmente, as conversas desenrolam-se naturalmente e se estenderam por mais tempo neste último tópico do questionário, principalmente com as pessoas que responderam que aprenderam com parentes. Os participantes com parentesco entre si, afirmaram haver troca de indivíduos de plantas e conhecimento sobre plantio e usos medicinais entre eles e, de fato, foram encontradas espécies semelhantes em suas residências. Destacaram-se também, relatos de lembranças relacionadas infância, sentimentos e vivências, assim como explicações sobre os usos de determinadas plantas. Nota-se, assim, que estes espaços permeiam múltiplos usos e significados, locais de cultivo não só de plantas, mas também de memórias e subjetividades - “sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, uma contínua troca entre o meio e o sujeito” (REY, 2003).

Complementando as informações coletadas no questionário, o levantamento florístico chegou a um resultado total de 111 espécies sendo 25 nativas, 13 naturalizadas e 73 cultivadas. Por conseguinte, as análises foram realizadas individualmente por grupo (nativas, naturalizadas e cultivadas) cujos pontos importantes seguem explicitados nos parágrafos seguintes.

Primeiramente, lançamos o olhar para as espécies nativas encontradas, as quais, segundo o Instituto Brasileiro de Florestas (IBF, 2022), correspondem à “planta que é natural, originária da região em que vive, ou seja, que cresce dentro dos seus limites naturais incluindo a sua área potencial de dispersão”. Foram encontradas 25 espécies nativas pertencentes ao domínio fitogeográfico Mata Atlântica (Quadro 1) das quais, 7 são exclusivas deste domínio segundo Refflora (2022) - *Caesalpinia echinata*, Pau Brasil; *Schlumbergera truncata*, Flor de maio; *Begonia aconitifolia*, Begônia Asa de anjo; *Ctenanthe burle-marxii*, Maranta; *Aphelandra squarrosa*, Aphelandra; *Stromanthe thalia*, Maranta Tricolor e a *Griffinia liboniana*, Amarílis-azul. A distribuição do grupo das espécies nativas ocorreu entre seis domínios fitogeográficos brasileiros - Mata Atlântica (21 espécies, 31%), Cerrado (12 espécies, 18%), Caatinga (10 espécies, 15%), Amazônia (13 espécies, 19%), Pampa (7 espécies, 10%) e Pantanal (5 espécies, 7%). Quanto aos usos das espécies nativas, a maioria delas são ornamentais (23 espécies, 72%), seguidas pelas medicinais (5 espécies, 16%) e alimentares (4 espécies, 12%),

o que sugere a tendência destas como decorativas. O que leva a questionamentos sobre o desconhecimento ou falta de acesso a espécies nativas alimentares ou medicinais.

**Quadro 1. Lista de espécies Nativas**

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	DOMÍNIOS FITOGEOGRÁFICOS						USO		
<i>Lippia alba</i>	Erva cidreira	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.	Pant.	Pamp.		Med.	
<i>Anacardium occidentale L.</i>	Cajueiro	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.	Pant.	Pamp.	Alm.	Med.	
<i>Nephrolepis exaltata</i>	Samambaia	Mt. At.			Amaz.	Pant.				Orn.
<i>Paubrasilia echinata</i>	Pau Brasil	Mt. At.							Med.	Orn.
<i>Bauhinia forficata</i>	Pata de vaca	Mt. At.					Pamp.		Med.	Orn.
<i>Schlumbergera truncata</i>	Flor de maio	Mt. At.								Orn.
<i>Syngonium angustatum Schott</i>	Singônia	Mt. At.	Cerr.		Amaz.					Orn.
<i>Fittonia albivenis</i>	Fittonia				Amaz.					Orn.
<i>Caladium bicolor</i>	Caladium Bicolor	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.					Orn.
<i>Begonia cucullata Willd</i>	Begônia do brejo	Mt. At.	Cerr.				Pamp.			Orn.
<i>Trimezia martinicensis</i>	Íris Amarela	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.					Orn.
<i>Begonia aconitifolia</i>	Begônia Asa de anjo	Mt. At.								Orn.
<i>Philodendron burle-marxii</i>	Imbé				Amaz.					Orn.
<i>Heliconia</i>	Heliconia	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.	Pant.				Orn.
<i>Ctenanthe burle-marxii</i>	Maranta	Mt. At.								Orn.
<i>Portulaca grandiflora Hook.</i>	Onze horas	Mt. At.	Cerr.	Caat.			Pamp.			Orn.
<i>Monstera adansonii</i>	Planta queijo suíço	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.					Orn.
<i>Philodendron hederaceum</i>	Filodendro Brasil	Mt. At.			Amaz.					Orn.
<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru		Cerr.	Caat.				Alm.		Orn.
<i>Aphelandra squarrosa</i>	Aphelandra	Mt. At.								Orn.
<i>Talinum paniculatum</i>	Bredo	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.	Pant.	Pamp.	Alm.		Orn.
<i>Lutheria splendens</i>	Bromélia				Amaz.					Orn.
<i>Stromanthe thalia</i>	Maranta Tric.varie.	Mt. At.								Orn.
<i>Griffinia liboniana</i>	Amarilis-azul	Mt. At.								Orn.
<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	Mt. At.	Cerr.	Caat.			Pamp.	Alm.	Med.	Orn.

As espécies naturalizadas, segundo Schneider (2007), são definidas como “espécies vegetais introduzidas em uma determinada região geográfica, que se adaptam às condições locais e estabelecem populações capazes de reproduzirem-se espontaneamente (sem intervenção humana) e sustentem populações por muitas gerações”. As espécies naturalizadas encontradas, listadas no Quadro 2, estão distribuídas por todos os domínios fitogeográficos brasileiros com predominância da Mata Atlântica (13 espécies, 33%), seguida pela Amazônia (8 espécies, 21%), Cerrado (8 espécies, 20%), Caatinga (6 espécies, 15%), Pampa (3 espécies, 8%) e Pantanal (1 espécie, 3%). Quanto ao uso, destacaram-se quanto à predominância de medicinais (9 espécies, 43%) e alimentícias (8 espécies, 38%). As ornamentais (4 espécies, 19%) apresentaram um número reduzido, o que sugere uma tendência deste grupo como espécies úteis e de consumo mais usual.

**Quadro 2. Lista de espécies Naturalizadas**

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	DOMÍNIOS FITOGEOGRÁFICOS						USO		
<i>Musa</i>	Bananeira	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.			Alm.	Med.	
<i>Cocos nucifera</i>	Coqueiro	Mt. At.						Alm.	Med.	Orn.
<i>Carica papaya</i>	Mamoeiro	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.			Alm.	Med.	
<i>Ligustrum</i>	Alfeneiro	Mt. At.								Orn.
<i>Impatiens walleriana</i>	Maria sem vergonha	Mt. At.	Cerr.				Pamp.			Orn.
<i>Persea americana</i>	Abacate	Mt. At.						Alm.	Med.	
<i>Mentha spicata</i>	Hortelã	Mt. At.	Cerr.		Amaz.				Med.	
<i>Pteris vittata</i>	Samambaia Chinesa	Mt. At.					Pamp.			Orn.
<i>Acmella oleracea</i>	Jambú	Mt. At.			Amaz.			Alm.	Med.	
<i>Cymbopogon citratus</i>	capim santo	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.				Med.	
<i>Ipomoea batatas</i>	batata doce	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.	Pant.	Pamp.	Alm.		
<i>Ocimum americanum</i>	Manjeriço americano	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.			Alm.	Med.	
<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira	Mt. At.	Cerr.	Caat.	Amaz.			Alm.	Med.	

Para as plantas cultivadas, definidas como espécies não-nativas que não são naturalizadas ou invasivas (Zenni, 2015), o domínio fitogeográfico não está disponível no site Re flora. Quanto aos usos informados pelos entrevistados, as espécies cultivadas ornamentais (62 espécie, 70%) foram as mais citadas, seguidas pelas medicinais (15 espécie, 17%) e alimentícias (12 espécie, 13%). Assim, o fato de as espécies cultivadas serem a maioria encontradas nos espaços de plantio residenciais, aponta para um maior consumo e popularidade de espécies comerciais em relação às nativas. Por serem ornamentais, refletem uma função estética destes espaços, o que corrobora com as respostas da parte IV do questionário que elencou estes lugares como propícios para relaxamento, encontros, conversas, descanso e lazer. Corroborando com o fato da ideia de conforto dos participantes está ligada principalmente às áreas verdes, trazendo à tona a questão da habitabilidade, como conforto ambiental, espacial e psicossocial.

**Quadro 3. Lista de espécies Cultivadas.**

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	USO		
		Alm.	Med.	Orn.
<i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck	Laranjeira	Alm.	Med.	
<i>Citrus aurantiifolia</i>	limão-galego	Alm.	Med.	Orn.
<i>Plectranthus barbatus</i>	Boldo de jardim		Med.	
<i>Alpinia zerumbet</i>	Colônia		Med.	Orn.
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa		Med.	Orn.
<i>Polyscias fruticosa</i>	Árvore da felicidade			Orn.
<i>Rhapis excelsa</i>	Palmeira Ráfia			Orn.
<i>Dracaena reflexa</i>	Dracena Reflexa			Orn.
<i>Callisia fragrans</i>	Bigode de ouro		Med.	Orn.
<i>Thuja standishii</i>	Zimbro/Pinheiro			Orn.
<i>Cordyline fruticosa</i>	Dracena Vermelha			Orn.
<i>Soleirolia soleirolii</i>	Lágrimas de bebê			Orn.
<i>Asparagus densiflorus</i>	Rabo de raposa			Orn.
<i>Davallia fejeensis</i>	Renda Portuguesa			Orn.
<i>Platynerium bifurcatum</i>	Chifre de veado			Orn.
<i>Epipremnum aureum</i>	Jiboia verde			Orn.
<i>Zamioculcas zamiifolia</i>	Zamioculca			Orn.
<i>Pereskia bleo</i>	Ora-pro-nobis		Med.	Orn.
<i>Phalaenopsis</i>	Orquídea			Orn.
<i>Adenium obesum</i>	Rosa do deserto			Orn.
<i>Sedum morganianum</i>	Rabo de burro			Orn.
<i>Chamaedorea elegans</i>	palmeira-bambu			Orn.
<i>Spathiphyllum wallisii</i>	Lírio da paz			Orn.
<i>Saintpaulia ionantha</i>	Violeta			Orn.
<i>Sedum nussbaumerianum</i>	Sedum-Cobre			Orn.
<i>Anthurium andraeanum</i> L.	Antúrio			Orn.
<i>Hoya carnosa</i>	Jasmim de cera			Orn.
<i>Rosa alba</i>	Rosa branca			Orn.
<i>Pseuderanthemum carruthersii</i>	Pseuderantemo			Orn.
<i>Spathoglottis plicata blume</i>	Orquídea-violeta			Orn.
<i>Plectranthus scutellarioides</i>	Coração magoado			Orn.
<i>Ixora chinensis</i> Lam.	Ixora Chinesa			Orn.
<i>Hydrangea macrophylla</i>	Hortências			Orn.
<i>Tradescantia spathacea</i>	Abacaxi roxo			Orn.
<i>Dahlia coccinea</i>	Adália		Med.	Orn.
<i>Dracaena marginata</i> Lem.	Dracena de Madagascar			Orn.
<i>Kalanchoe daigremontiana</i>	Aranto			Orn.
<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimenta	Alm.		Orn.
<i>Sansevieria cylindrica</i>	Espada de são Jorge			Orn.
<i>Plumeria pudica</i>	Jasmim do Caribe			Orn.
<i>Platynerium bifurcatum</i>	Chifre de veado			Orn.
<i>Phymatosorus scolopendria</i>	Samambaia Jamaica			Orn.
<i>Asparagus setaceus</i>	Aspargo samambaia			Orn.
<i>Aglaonema commutatum</i>	Cafê de salão			Orn.
<i>Plectranthus prostratus</i>	Boldinho suculento			Orn.
<i>Ocimum basilicum</i>	Manjerição folha larga		Med.	

<i>Cestrum nocturnum</i>	Dama da noite		Med.	Orn.
<i>Syzygium malaccense</i>	jambo-vermelho	Alm.		Orn.
<i>Mangifera indica</i>	Mangueira	Alm.		Orn.
<i>Tradescantia pallida</i>	coração-roxo			Orn.
<i>Salvia rosmarinus</i>	Alecrim		Med.	
<i>Garcinia humilis</i>	Achachairu	Alm.	Med.	
<i>Peperomia argyreia</i>	Peperômia-melancia			Orn.
<i>Acanthocereus tetragonus</i>	Cacto castelo de fadas			Orn.
<i>Euphorbia ingens</i>	Cacto-Candelabro			Orn.
<i>Kalanchoe delagoensis</i>	Mãe de milhares			Orn.
<i>Opuntia tuna</i>	Cacto-orelha de elefante			Orn.
<i>Capsicum annuum</i>	Pimentão	Alm.		
<i>Phyllostachys aurea</i>	Bambu-de-jardim			Orn.
<i>Selenicereus anthonyanus</i>	Cacto sianinha			Orn.
<i>Ficus Lyrata</i>	Ficus Lyrata			Orn.
<i>Alocasia reginula</i>	Alocasia Black Velvet			Orn.
<i>Ruta graveolens</i>	Arruda		Med.	Orn.
<i>Morus nigra</i>	Amoreira roxa	Alm.	Med.	
<i>Luffa cylindrica</i>	Bucha			Orn.
<i>Leucanthemum vulgare</i>	Margarida			Orn.
<i>Solanum lycopersicum L.</i>	Tomate	Alm.		
<i>Diplotaxis eruroides</i>	Rúcula	Alm.		
<i>Foeniculum vulgare</i>	Erva doce	Alm.	Med.	
<i>Tillandsia cyanea</i>	Bromélia Tillandsia			Orn.
<i>Allium porrum</i>	Alho Poró	Alm.		
<i>Episcia cupreata</i>	Tapete de Rainha			Orn.
<i>Crossandra infundibuliformis</i>	Crossandra amarela			Orn.

A fim de verificar o conhecimento dos entrevistados em relação à Mata atlântica e sua flora, foram realizadas perguntas ao final do levantamento das plantas, tanto de forma presencial como por questionário online. Quando perguntados se achavam possuir alguma espécie nativa da Mata Atlântica, 59% não souberam responder e 41% responderam sim. Para estes últimos, foi perguntado quais eram estas espécies, e, sem citar espécies específicas, as respostas variaram entre coqueiro (31%, naturalizado), palmeira (26%, cultivada), samambaia (22%, nativa, naturalizada e cultivados), Jiboia (17%, cultivada) e pau-brasil (4%, nativo). Entre as nativas e naturalizadas, todas estão no domínio fitogeográfico Mata Atlântica, o que demonstra que os participantes conseguem distinguir algumas plantas deste domínio, principalmente as mais comuns e difundidas nos lares e na natureza ao seu redor. Porém a pouca variedade de espécies citadas e a presença majoritária de espécies cultivadas nas residências, demonstra que o plantio e conservação de espécies nativas não é uma prioridade.

Apesar disso, foi encontrado um número expressivo de espécies nativas, duas destas com status de ameaçadas. Assim, quanto à ameaça de extinção das espécies nativas da Mata Atlântica, a *Griffinia liboniana* Morren, Amarílis-azul e a *Paubrasilia echinata*, Pau-Brasil, encontram-se nessa lista, segundo Portaria do IBAMA nº 443 de 2014 e estão avaliadas como “em perigo” (EN) de extinção, segundo CNCFlora (2022). Foram encontrados 4 indivíduos de Pau-Brasil em uma única habitação de tipologia casa unifamiliar, localizadas no quintal e posicionadas de modo a servir de barreira para o sol poente que incide na residência, proporcionando assim, conforto térmico e privacidade para os moradores. Segundo os moradores a escolha da espécie levou em conta também o significado da espécie para o país. Já a *Griffinia liboniana* Morren, foi encontrada em duas habitações em bairros distintos, também de tipologia casa unifamiliar, pertencentes a participantes com parentesco entre si. As plantas estavam localizadas no quintal e terraço e seu uso foi descrito como ornamental. Assim, tal achado em apenas 17 residências, demonstra o potencial das áreas de plantio residenciais para a conservação ex situ Mata Atlântica, mesmo que de forma não intencional. Na figura 2 abaixo, estão as fotos tiradas in loco de ambas as espécies em perigo de extinção.



Figura 2. Espécies da Mata Atlântica em perigo de extinção (EN): *Griffinia liboniana* Morren (1) e *Paubrasilia echinata* (2).

## CONCLUSÕES

Ao analisar as informações coletadas, de forma interdisciplinar, foi possível perceber a estreita relação entre a presença de plantas, e o mínimo de áreas verdes para o bem-estar físico e mental dos residentes. Quanto às espécies, foram encontradas uma extensa diversidade e duas espécies ameaçada de extinção, o que confirma a importância dos espaços de plantios residenciais como locais de conservação ex-situ da flora atlântica.

Apesar das mudanças no meio urbano, o “plantar” sobrevive nos mais diversos meios, apartamentos, casas, varandas, afastamentos laterais, jardins de inverno, entre outros. Foi possível verificar também a reincidência das mesmas espécies em residências de entrevistados que possuem algum parentesco, reforçando a ideia de disseminação de espécies entre pessoas, muitas delas nativas e de usos não convencionais. Assim, é possível observar o potencial dos espaços de plantio residenciais de Recife como lugares de conservação, tanto da flora da Mata Atlântica, como também de conhecimentos, bem-estar e conforto no meio urbano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BFG (The Brazil Flora Group). Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.47871/jbrj2021001>. Acesso: 8 de outubro de 2022.
2. Centro Nacional de Conservação da Flora (CNCFLORA). Lista Vermelha. 2022. Disponível em: <http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/listavermelha>. Acesso: 8 de outubro de 2022.
3. Faria, G. H. C. de, Correa, S. D.; Vaz, C. E. V., Nascimento, E. C. de. O uso de mídias móveis aplicado ao ensino-aprendizagem de paisagismo. Arquitetura Revista, vol. 16, núm. 2, 2020, Julho-Dezembro, pp. 361-379 Unisinos, 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.4013/arq.2020.162.10>. Acesso: 8 de outubro de 2022.
4. Flora e Funga do Brasil (REFLORA). Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso: 8 de outubro de 2022.
5. Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022. 208p.
6. Instituto Brasileiro de Florestas (IBF). Saiba tudo sobre espécies nativas e exóticas. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/conteudo/especies-nativas-e-exoticas#:~:text=Esp%C3%A9cie%20Nativa%3A%20planta%20que%20%C3%A9,sua%20%C3%A1rea%20potencial%20de%20dispers%C3%A3o>. Acesso: 8 de outubro de 2022.
7. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). PORTARIA MMA Nº 443, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2014. Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção.
8. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Observação da terra: SOS Mata Atlântica e INPE lançam novos dados do Atlas do bioma. 2019. Disponível em: <http://www.obt.inpe.br/OBT/noticias-obt-inpe/sos-mata-atlantica-e-inpe-lancam-novos-dados-do-atlas-do-bioma>. Acesso: 8 de outubro de 2022.
9. Li, D., G, Shi, J, Li, Y, Chen, S, Zhang, S, Xiang, S, Jin. PlantNet: a dual-function point cloud segmentation network for multiple plant species. ISPRS Journal of Photogrammetry and Remote Sensing, Volume 184, February 2022, Pages 243-263. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.isprsjprs.2022.01.007>. Acesso: 8 de outubro de 2022.



10. Mota, N. F. de O., Viana, L. F. de P., Laje, P. *Biologia da conservação. Guia prático de métodos de campo para estudos de flora*. Ebook, 2ª. Edição – Belo Horizonte, 2014. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://biowit.files.wordpress.com/2010/11/bocaina\\_guia-de-metodos-de-campo-em-botanica.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://biowit.files.wordpress.com/2010/11/bocaina_guia-de-metodos-de-campo-em-botanica.pdf). Acesso: 8 de outubro de 2022.
11. Ranieri, G. R. *Levantamento etnobotânico das plantas alimentícias nos municípios de areias e São José do Barreiro, SP: um patrimônio nos quintais urbanos*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em ciência ambiental. Instituto de Engenharia e Ambiente da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/106/106132/tde-18072018-183932/en.php>. Acesso: 8 de outubro de 2022.
12. Rey, G., Luis, F. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. Tradução de Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
13. Schneider, A. A. *A flora naturalizada no estado do Rio Grande do Sul, Brasil: herbáceas subespontâneas*. *Biociências, Porto Alegre*, v. 15, n. 2, p. 257-268, jul. 2007. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.institutocaminhosorientado.com/Livros/A%20Flora%20no%20RS.pdf>. Acesso: 8 de outubro de 2022.
14. Scussel, M. C. B., Sattler, M. A. *Cidades em (trans)formação: impacto da verticalização e densificação na qualidade do espaço residencial*. *Ambiente Construído, Porto Alegre*, v. 10, n. 3, p. 137-150, jul./set. 2010.
15. Zenni, R. D. *The naturalized flora of Brazil: a step towards identifying future invasive non-native species*. Universidade de Brasília, Inst. Ciências Biológicas, Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-7860201566413>. Acesso: 8 de outubro de 2022.